

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Eduarda Corgo
Léo Rodrigues
Tiago Ribeiro

Análise psicodinâmica do desenvolvimento infantil

Guaíba
2017

RESUMO

O presente trabalho possui delineamento de natureza qualitativa e teve como objetivo o estudo das fases do desenvolvimento infantil, possibilitando relacionar o conteúdo visto na disciplina de Ciclo Vital do curso de psicologia com a prática. Para atingir este objetivo o grupo utilizou-se de revisão bibliográfica das teorias: psicosssexual de Sigmund Freud, teoria do Apego de John Bowlby, teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget, teoria Winnicottiana e teoria da psicanalista infantil Margareth Mahler. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram uma criança de seis anos de idade, do sexo masculino, e a mãe dele. Os instrumentos utilizados para o entendimento do desenvolvimento da criança descrita foram: entrevista de anamnese semiestruturada, abordando os principais aspectos do desenvolvimento dos anos iniciais da criança: como a gestação, amamentação, sono, motricidade, relação com outras crianças, entre outras perguntas consideradas fundamentais para o estudo em questão; e duas observações assistemáticas com tempo pré-determinado pelo grupo, do cotidiano da criança, sendo uma observação dela interagindo sozinha e outra da mesma brincando no intervalo da escola. Para os resultados obtidos pelo grupo, as observações realizadas foram estudadas junto às respostas obtidas na ficha de anamnese e a partir disso foram desenvolvidas as análises do desenvolvimento físico, intelectual, social e afetivo da criança, à luz da psicanálise. Com a análise do desenvolvimento infantil realizada, pudemos concluir que as observações relatadas em vários aspectos condiziam com aquilo que foi respondido pela mãe da criança na ficha de anamnese. Bem como houveram pequenas divergências entre o que foi observado e o que foi relatado, mas algo considerado normal frente à ideia de que estamos lidando com sujeitos diferentes. Concluímos também que o estudo do desenvolvimento infantil é essencial para compreensão do ser humano, assim como foi possível ver que há diferentes teorias que dão conta de tal estudo. O trabalho desenvolvido mostrou-se de importância fundamental quanto ao aprendizado dos alunos envolvidos no que diz respeito aos temas como pesquisa, psicanálise e desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: revisão de literatura, desenvolvimento infantil, constituição do sujeito.

1.INTRODUÇÃO

Objetiva-se através desse trabalho aplicar os conhecimentos teóricos com base em dados coletados primeiramente em uma entrevista de anamnese com a mãe (Maria). Seguida de duas observações realizadas com o filho (João), sendo ele um menino com seis anos e sete meses de idade, sendo a primeira observação foi realizada na casa do padrasto da criança e a segunda em sua escola.

Podendo assim, assimilar desde a gestação, parto e puerpério e as demais fases que alguns teóricos abordam sobre o desenvolvimento infantil, baseado nas reações de comportamento que obtivemos da criança e também fazendo uso das respostas que obtivemos na entrevista de anamnese feita com a mãe. Desta forma, compreendendo o processo de desenvolvimento físico, intelectual, social e afetivo da criança.

2.OBJETIVO

2.1 Geral

Identificar as fases do desenvolvimento normal de uma criança de seis anos de idade e correlaciona-las às teorias estudadas em sala de aula.

2.2 Específico

Detectar a fase do desenvolvimento infantil em que se encontra o objeto de estudo, utilizando os conteúdos trabalhados em aula juntamente com o material encontrado durante a revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento normal infantil, e comparar com os dados obtidos na entrevista de anamnese e durante as observações. Ainda, se possível, avaliar quais as possíveis circunstâncias e relações que proporcionaram à criança observada um desenvolvimento dentro dos padrões da normalidade.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 Gestação, parto e puerpério

Segundo relato de anamnese feito pela mãe da criança observada, a gravidez não foi planejada, porém, foi muito desejada. Sua gestação foi tranquila, não ocorreram problemas de nenhum tipo durante esse período. O parto foi rápido, durou cerca de uma hora, e ao nascer seu escore APGAR foi 9, o que é excelente tendo em vista que segundo Wenzel et al (2013), qualquer escore acima de 7 ou mais significa que o bebê não corre risco algum. Ainda segundo relato da mãe, a fase puerperal que sucede o parto foi muito tranquila, a criança foi muito bem assistida e amamentada no peito até o primeiro de ano de idade, com intervalos regrados entre cada amamentação, visando ao pleno desenvolvimento da mesma. Segundo Wenzel et al (2013), a amamentação desempenha um papel fundamental na unicidade da relação mãe-bebê. Ela pode estar envolta em um encontro de prazeres ou desencontro de desprazeres.

3.2 Análise do desenvolvimento baseada em Jean Piaget

João apresentou desenvolvimento motor normal para a sua idade, como foi mencionado em sua entrevista de anamnese o mesmo sempre foi muito estimulado, começou a caminhar com 01 ano sem apoio nem andador. Segundo La Taille (2003), Piaget usa a expressão "a passagem do caos ao cosmo" para traduzir o que o estudo sobre a construção do real descreve e explica. De acordo com a tese piagetiana, "a criança nasce em um universo para ela caótico, habitado por objetos evanescentes (que desapareceriam uma vez fora do campo da percepção), com tempo e espaço subjetivamente sentidos, e causalidade reduzida ao poder das ações, em uma forma de onipotência".

Com o passar do tempo, a criança vai melhorando seus movimentos e agregando novas habilidades e quando atinge o final do estágio sensório-motor já

se sente dentro de um novo ambiente com objetos, tempo e espaço, dentre os quais se situa como ser.

Quando tratamos do desenvolvimento cognitivo e da linguagem, podemos salientar que João teve os estágios atingidos; atualmente se encontra no período pré-operacional que é dos dois aos seis anos de idade, e que é caracterizado por quatro grandes classes de raciocínio. O animismo, o finalismo, artificialismo, e o realismo. Na observação realizada na escola foi visível a predominância da fase do realismo, pois o mesmo faz uso de suas cartinhas do POKEMON para brincar com seus colegas, e segundo Piaget o realismo é onde os conteúdos de consciência da criança são considerados como objetos. Com efeito, se a criança anima corpos inertes, por outro lado, ela materializa a vida da alma: os sonhos por exemplo, são imagens que estão na cabeça quando se está acordado e que daí saem para ir para a cama ou para o travesseiro assim que se dorme.

3.3 Análise do desenvolvimento infantil baseada em Sigmund Freud

A gestação de João foi muito tranquila, segundo sua mãe não houve nenhum problema. Ele teve um parto muito rápido, cesariana, durou em torno de 1 hora.

Durante o relato de anamnese, a mãe de João contou ao grupo sobre como se deu o desenvolvimento do menino em seus anos iniciais (amamentação, controle esfinteriano), motivo pelo qual o grupo chegou à conclusão de que ele passou com êxito pelas fases oral e anal. Entretanto, tendo em vista a ruptura parental a qual o mesmo foi submetido, durante a fase fálica não houve o mesmo êxito que nas fases anteriores.

Em relação ao observado, quando se fala em conflitiva edípica, o grupo entende que houve a transferência da angústia de castração do menino para o avô materno. Em razão do divórcio dos pais, o menino mora com a mãe na casa dos avós maternos e passa um fim de semana com o pai a cada quinze dias. Segundo Friedman (2004), Freud adotou o termo Complexo de Édipo para descrever os sentimentos sexuais de um garoto pela mãe, e a rivalidade com o pai. Tais sentimentos e suas defesas psicológicas contra pensamentos e sentimentos ameaçadores, são de extrema importância pois ajudam a formar a personalidade.

Durante o processo de entrevista de anamnese, a mãe falou ao grupo da influência do avô materno sobre o comportamento do menino, e que isso influenciaria no processo de observação. Segundo ela, o avô instiga o menino a ser competitivo, querendo sempre se sobressair, o que leva o garoto a não aceitar que pode cometer erros. Esse relato foi confirmado durante a primeira observação realizada.

Segundo Friedman (2004), Freud explica que no período da latência (no qual o observado se encontra), em virtude das pulsões sexuais não poderem ser expressas diretamente, a energia sexual é canalizada para atividades de caráter sublimatório. Durante a observação na escola, João se mostrou ativo e sorridente. Segundo sua mãe ele gosta das atividades escolares e não tem problemas com os colegas ou com os professores. A mãe o estimula a estudar, ajuda-o a fazer os deveres e quando necessário contrata uma professora particular para suprir suas dificuldades.

3.4 Análise do desenvolvimento infantil baseada em John Bowlby, Cláudio Eizirk e Donald Winnicott

3.4.1 Segundo a teoria do apego (Bowlby)

3.4.2 Tipo de apego da criança observada

Conforme relato feito por Maria durante a entrevista de anamnese, a relação dela com João sempre foi calorosa, sensível e recíproca. Ela busca atender suas necessidades, estando sempre à disposição do menino. Segundo Cristiano Nabuco (2005), a teoria do apego de base segura se refere a confiança que o indivíduo tem em uma figura particular, protetora e de apoio, que está disponível e é acessível.

3.4.3 Segundo D. W. Winnicott

3.4.4 Mãe suficientemente boa

Segundo Abadi (2014), para Winnicott, uma mãe suficientemente boa é aquela que se entrega à criança, suprimindo suas necessidades e promovendo um crescimento saudável e seguro. Desde de seu nascimento, João foi muito bem amparado e cuidado. Embora não tenha sido fruto de uma gravidez planejada, foi

muito desejado. Por isso, segundo sua mãe ele tem sua total disponibilidade.

3.4.5 Holding

Para Winnicott -segundo Abadi (2014) - o holding é a etapa de sustentação e amparo, na qual o bebê necessita de certas condições ambientais que satisfaçam suas necessidades fisiológicas. Necessita também de que esta sustentação seja estável e digna de confiança. Isto se obtém graças a identificação emocional da mãe. No decorrer da conversa com Maria, a mesma relatou que João foi amamentado até os seis meses de idade, e que ela se sentia muito bem quando o amamentava, pois como o desejou muito sempre teve uma disponibilidade materna muito grande. Além disso, o menino foi tirado das fraldas aos dois anos de idade, período em que geralmente ocorre o controle esfinteriano (Eizirik 2013).

3.4.6 Fenômeno e objetos transicionais

O fenômeno transicional é a etapa de maturação em que ocorre a dependência relativa da criança em função de sua mãe, quando a criança deixa de ser onipotente e passa a perceber a mãe como um objeto externo a si. Além disso, nesta etapa a criança desenvolve maior confiança pela mãe, utilizando de objetos que tendem a suprir a angústia de sua separação. Tais objetos são chamados por Winnicott (Abadi 2014) de objetos transicionais. O objeto transicional é fruto do movimento de ilusão-desilusão do bebê com a mãe. Conforme relato de anamnese, João nunca possuiu um objeto transicional.

3.4.7 O brincar

Para Winnicott (Abadi 2014) o jogo é uma elaboração imaginativa ao redor das funções corporais, relacionada com os objetos e com a angústia. No começo a criança e o objeto estão fusionados, sua visão do objeto é subjetiva. A mãe favorece esta onipotência. No decorrer da anamnese foi relatado que João tem preferência por brincar com garotos da sua idade, com carrinhos e brinquedos eletrônicos. Constituindo assim, o que Eizirik (2013) chama de “clube do bolinha”.

3.4 Análise do desenvolvimento infantil baseada em Margareth Mahler

De acordo com o relato de anamnese e com as observações realizadas, a

criança observada pelo grupo passou com êxito por todas as fases do desenvolvimento infantil segundo Mahler.

Na fase autística normal, proposta por Mahler, que vai aproximadamente de 0 a 4 semanas, o bebê apresenta uma alternância entre os estados de sonolência e satisfação das necessidades, e o objetivo principal é a aquisição por parte do bebê de um equilíbrio homeostático em sua nova condição extrauterina, segundo Bergman et al. (1977).

Na fase simbiótica normal, que vai aproximadamente dos 2 aos 10 meses, segundo Golse (1998) tudo se passa como se a criança e sua mãe constituíssem uma unidade dual poderosa, no interior de uma fronteira única comum. É nessa fase que ocorre o rompimento da simbiose mãe bebê.

Na fase do processo de separação-individuação, que vai do 5º mês aos 3 anos, segundo Golse (1998) o processo inteiro é governado por duas “linhas de desenvolvimento”, que se organizaram dentro da tendência inata à maturação. Uma leva a separação e diz respeito à evolução no sentido da diferenciação, distância, formação de limites e desligamento da mãe; a outra leva à individuação e diz respeito à evolução das funções autônomas: percepção, memória, capacidades cognitivas, entre outras. Ainda segundo Golse (1998), a garantia do sucesso normal do processo é o ambiente, representado pela mãe, cuja disponibilidade física e emocional deve se adaptar perfeitamente à evolução da criança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o trabalho apresentado concluímos que os procedimentos de entrevista e observações realizados, foram de grande valia para que o grupo conseguisse integrar as teorias abordadas em sala de aula com a prática.

As experiências que os processos descritos proporcionaram ao grupo, foram extremamente ricas e satisfatórias. As discussões teórico-práticas sobre o desenvolvimento do observado, foram realizadas utilizando como parâmetro os estudos sobre o desenvolvimento infantil normal no ciclo vital, também feitos em sala de aula. Além disso, essas discussões foram embasadas teoricamente em autores de conteúdos muito ricos, e de renome indiscutível.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Eizirik, Cláudio Laks. Bassols, Ana M. Siqueira. O ciclo da vida humana uma perspectiva psicodinâmica. 2ª edição. Porto Alegre, Artemed, 2013.

Araujo, Marlene Silveira et al. O ciclo da vida humana uma perspectiva psicodinâmica, Capítulo 10. 2ª edição. Porto Alegre: Artemed, 2013.

Wenzel, Maristela Priotto et al. O ciclo da vida humana uma perspectiva psicodinâmica, Capítulo 5. 2ª edição. Porto Alegre: Artemed, 2013.

Bee, Ellen. O ciclo vital. Trad. Garcez, Regina; Porto Alegre, Artemed, 1997.

Papalia, Diane E.; Olds, Sally Wendkos. Desenvolvimento Humano. 7ª edição. Porto Alegre, Artemed, 2000.

Friedman, Howard S. Teorias da Personalidade - da Teoria Clássica À Pesquisa Moderna. Editora Pearson, 2004.

Abreu, Cristiano Nabuco. Teoria do apego: fundamentos, pesquisas e aplicações clínicas. Casa do Psicólogo, 2005.

Abadi, Sonia. Transições: o modelo terapêutico de D. W. Winnicott. Casa do Psicólogo, 2014.

Golse, Bernard. O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança. Artmed, 1998.

Mahler, M.S.; Pine, F.; Bergman, A. O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação. Editora Zahar, 1977.

Golse, B.; trad. Maria Lucia Homem. O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança. 3ª edição. Porto Alegre, ArtMed, 1998.

La Taille., Y. Prefácio. In, PIAGET, J. A construção do real na criança. 3ª edição. São Paulo, Editora Ática, 2003.

ANEXO A- FICHA DE ANAMNESE

Ficha de anamnese

Pessoas presentes durante a entrevista de anamnese:

Eduarda Corgo - integrante do grupo que realizou a observação- e Maria, mãe do observado. (Os demais integrantes do grupo, Léo e Tiago, estavam realizando a primeira observação de João no momento).

Dados de Identificação (nomes fictícios):

Nome (fictício): João.

Data de nascimento: 19/07/2010 - Idade: 06/anos 7/meses 21/dias Sexo: M (x) F ()

Cor: branco

Escolaridade: segundo ano do Ensino Fundamental

Religião (criança): católica Praticante: () Sim (x) Não Nome do Pai (fictício): José

Idade: 37 anos

Nome da Mãe (fictício): Maria Idade: 29 anos

Número de Irmãos (fictícios): não há Idades por ordem crescente:

Posição na família (se é do 1º casamento, 2º etc.): filho do primeiro casamento

Antecedentes Pessoais:

Concepção:

A criança foi desejada (planejada) ou não: “João não foi planejado, mas foi desejado.”

Havia preferência pelo sexo: Sim () Não (x)

Gestação:

Tranquila ou agitada: tranquila

Houve acompanhamento Pré-natal: Sim (x) Não ()

Onde: consultório particular

Acidentes, doenças, perdas durante a gestação: Sim () Não (x) Que tipo (s).

Parto:

Tipo: Normal () Cesariana (x) Outros ()

Duração: 1 hora

Com quantos meses nasceu: 9 meses

Esteve na incubadora: Sim () Não (x)

Houve problemas no parto: Sim (), Qual tipo:.. Não (x).

Presença de familiares: Sim (x) Não () Quem: o pai do João Primeira reação do bebê foi Choro: Sim (x) Não () Outras:..

Foi colocada no peito da mãe ao nascer: Sim (x) Não () Por quê: "Ocorreu tudo muito bem e muito rápido."

Qual a cor do bebê ao nascer: rosado Quanto pesou: 3,420 kg Quantas horas depois do parto viu o bebê: 1 hora

Por qual motivo: "Ajeitaram ele e depois me levaram."

Apgar (nota que o bebê ganha na maternidade ao nascer): 9

Qual a opinião do atendimento no hospital: Boa (x) Ruim () Porquê? "Fomos muito bem assistidos."

Desenvolvimento da criança:

Foi amamentado no peito: Sim (x)

Quanto tempo? 1 ano Não () Por quê?...

Intervalo de mamadas (Tempo entre mamadas): "Bem no início era de 2h-2h e depois passou a ser de 3h-3h."

Como se sentia em amamentar: "Me sentia bem".

Usou mamadeira: Sim (x) Não ()

Até que idade: 3 anos.

Quando começou a comer alimentos sólidos (idade): 6 meses.

Escolhe alimentos: Sim () Não (x) Que tipo (s):...

Motricidade:

Quando sentou com apoio: aos 5 meses

E sem apoio: 6 meses

Idade em que engatinhou: “Com 10 meses, mas foi por pouco tempo”.

Quando ficou em pé se segurando: 10 meses.

E sem se segurar: 12 meses e uma semana.

Idade que iniciou a caminhar: 12 meses e uma semana

Usou andador: Sim () Não (x)

Com que idade falou: “1 ano as primeiras palavras”.

Usou fraldas até que idade: 2 anos

Quando começou a ir ao banheiro sozinho: Com 4 anos.

Quando começou a vestir-se sozinho: 6 anos

Deixa cair coisas: Sim () Não (x)

É rápido, lento ou normal ao movimentar-se: Rápido (x) Lento () Normal ()

Quando apareceu o primeiro dente: 7 meses.

Tem algum problema ao falar: Sim (x) Não ()

Qual: Ele não pronuncia as letras “R” e “L”.

Tem clareza em contar fatos: Sim (x) Não ()

Explique melhor: “Tudo o que ele nos conta do seu dia, é fácil de compreender. Ele não enrola”.

Afetividade:

Chorava muito quando bebê: não

E hoje: não

Solicita atenção: “Muita! ”

Em que situação: “Em todas, sempre!”

É carinhoso: “Muito! ”

É emotivo: “Muito! ”

Qual a queixa mais frequente: “Que eu não tenho tempo para brincar com ele”.

Sono:

É calmo ao dormir: Sim (x) Por quê? “Ele durante o sono dorme bem descansado e antes de ir dormir só é complicado quando eu tenho visitas em casa porque daí ele não se acalma”. Não ()

Acorda durante a noite: Sim () Por quê?... Não (x)

Dorme no quarto dele: Sim (x) Não ()

Dorme na cama do casal: Sim () Não (x)

É acordado pela manhã: Sim () Não (x)

Estado de humor ao acordar: “Bom, tranquilo”.

É sonâmbulo: Sim () Não (x)

Tem medo de algo: Sim (x), do quê? “Deixo a luz acesa porque ele tem medo do escuro”. Não ()

Vai para a cama dos pais de madrugada: Sim () Por quê?... Não (x)

Sofre de incontinência ao dormir: Sim () Não (x)

Enurese diurna: Sim () Não (x)

Encoprese diurna: Sim () Não (x)

Manipulações:

Possui tiques: Sim (), de que tipo (s):... Não (x)

Usa chupeta: Sim () Não (x)

Com que idade abandonou: aos 4 anos.

Usa objetos para dormir ou durante o dia (fraldas, paninhos, bichinhos, objetos do pai ou da mãe, etc.): não.

Rói unhas: sim.

Chupa dedo: não.

Sociabilidade:

Brinca só ou com amiguinhos: “Sozinho e com os amigos”.

Onde? “Na escola e em casa”.

Faz amigos facilmente: “Muito”.

Que tipo de brinquedo gosta: “Eletrônicos e carrinhos”.

Qual a preferência por amigos (sexo): meninos.

Briga muito: Sim (), por quê?... Não (x)

Isola-se: não.

Gosta de visitas, festas, passeios: “Não muito. Ele prefere a rotina dele”.

Quando faz algo errado é corrigido: Sim (x) Não ()

Que tipo de castigo: “O deixo pensando no que fez, ou retiro algo que ele gosta”.

Como é a relação com os pais: “Ele é querido, carinhoso e reconhece os limites”.

Como é a relação com os irmãos: não possui.

Como é sua relação com outros parentes: “Ótima relação”.

Assiste televisão e/ou utiliza tablet/celular/computador: Sim (x) Não ()

Quantas horas por dia: 2 horas.

Que programas/atividades/jogos: “Ele assiste a novelinha dele”.

Os pais ou outros familiares utilizam tablet/celular/computador: Sim (x) Não ()

Quantas horas por dia: “Várias”.

Que programas/atividades/jogos: “Lazer e trabalho”.

Cuida dos seus brinquedos: sim.

Empresta para os amigos: sim.

É líder ou não nas brincadeiras: “Ele sempre é líder. Ele gosta de estar certo”.

Relate um dia de vida comum: “Ele acorda sozinho, toma leite e brinca um pouco.

Depois ele almoça e passa à tarde na escola. À noite ele fica na avó até eu chegar”.

Feriado, sábado ou domingo: “Ontem ele acordou, tomou leite e passou muito tempo correndo atrás do gato. Almoçamos na casa da avó dele, minha mãe, ele conversou e jogou no tablet. Quando chegamos em casa ele arrumou o seu quarto. À noite nós fomos para uma formatura e ele estava bem agitado”.

Escolaridade:

Idade de ingresso na escolinha: 1 ano e 6 meses.

Como reagiu nos primeiros dias: “Foi difícil, ele precisou passar por quatro escolinhas”.

Teve dificuldades de adaptação: Sim (x) Não ()

Quais: “Ele teve muita dificuldade de se adaptar, em uma das escolinhas a gente não sabe o que aconteceu, mas ele chorava e gritava que não queria mais ir. Foi bem difícil até encontrar uma boa. Aos quatro anos fez tratamento com uma psicóloga, mas não sabemos o que aconteceu com ele na escolinha”.

Queixas dos professores? Não.

Gosta das atividades da escola: Sim (x) Não ()

Gosta de estudar: Sim () Não (x)

Recebe ajuda no estudo: Sim (x), quem ajuda? “Eu e uma professora particular”.
Não ()

Saúde:

Doenças: nenhuma.

Tem disposição para correr, brincar: muita.

Faz alguma queixa frequente: não.

Tratamento médico: Sim (x),) “Ele fez tratamento para bronquite”. Não ()

Toma algum medicamento: Sim () Não (x) Receitado pelo médico? Sim () Não (x)

Família:

Composição da família: João mora com a mãe e visita o pai a cada 15 dias, também recebe bastante visita dos avós maternos.

Idades: Avô tem 53 anos e a avó 47 anos.

Quem mora junto: João e a mãe.

Religião: “Somos todos católicos não praticantes”.

Grau de escolaridade da família: Superior completo.

Horário de trabalho dos pais: “Meu horário oscila com os dias, mas geralmente é das 07h às 22h que eu fico fora de casa. O pai ele só vê alguns finais de semana”.

Relacionamento do casal: “O pai do João e eu temos um péssimo relacionamento, José não aceita bem que terminamos”.

Reação da criança frente à morte de algum familiar: “Ele tem ótima aceitação para perdas”.

Antecedentes familiares:

Casos de doença: não.

Alcoolismo ou outras drogas: não.

Parentes com histórico de doença mental (“doente dos nervos”): nenhum caso.

Pessoas que demoraram a falar, ler ou escrever: não.

Comentários:

Ao mencionar a ausência do uso de drogas e/ou álcool em sua família, Maria olhou para baixo, respirou fundo e ao retornar o olhar para cima disse “Ao menos na minha família não tem nenhum caso, na minha não”.

ANEXO B- RELATOS DAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS

1. Relato de observação

Com o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pela mãe do observado, e do termo de assentimento livre e esclarecido pelo observado, os estudantes integrantes desse grupo realizaram a primeira das três observações, que foram planejadas para este projeto.

O observado doravante denominado João, é um menino de 6 anos de idade, que tem aproximadamente um metro e trinta centímetros de altura, 35 quilos, branco, cabelos curtos e castanhos, olhos castanhos escuros, apresentava estar sem dois dentes da frente e também possuía alguns dentes da arcada inferior projetados para fora. O mesmo vestia uma bermuda jeans azul claro e uma regata da homem aranha.

A observação ocorreu em um condomínio na região metropolitana de Porto Alegre e durou 15 minutos, tendo início às 12:05 horas e término às 12:20 horas. O tempo foi discretamente controlado, por meio de um relógio de pulso analógico.

Em uma sala ampla com aproximadamente 50 m², com um pé direito em torno de 10 metros de altura, bem iluminada e bem arejada, onde não havia ruídos além do som da televisão e, onde só se encontravam o observado e os dois observadores, João (que estava de pés descalços) estava sentado com o corpo inteiro sobre um sofá que mede aproximadamente 2,00 metros de largura, - que fica no meio da sala de estar, de frente para a televisão e de costas para a porta do salão de festas da casa- com as pernas esticadas para frente, as mãos postas sobre as coxas e olhando em direção à televisão. João assistia a um filme de desenho.

Sob o sofá havia um tapete peludo de aproximadamente 8m². Entre o sofá e a televisão havia uma mesa de centro espelhada, medindo aproximadamente 3 m². Do lado direito do sofá onde se encontrava João, havia duas poltronas lado a lado, enquanto do lado esquerdo de frente para as poltronas, havia outro sofá. O observador 1 sentou na poltrona mais próxima ao sofá onde João estava acomodado, enquanto o observador 2 sentou no sofá em frente as poltronas.

João estava concentrado no filme. Em um primeiro momento, enquanto olhava em direção à televisão, movimentava as mãos rapidamente com movimentos rotatórios, entrelaçando e mexendo os dedos seguidamente.

Sem falar nenhuma palavra, João virou sua cabeça rapidamente para sua direita, olhou para o observador e em seguida, voltou a olhar na direção da televisão. Após este movimento, João fungou profundamente duas vezes e, mesmo sentado apresentava respiração ofegante e estava com a boca aberta, apresentando respiração através da boca.

Com aproximadamente seis minutos de observação, a dona da casa passou pelo local.

Em determinado momento, durante uma cena do filme ao qual estava assistindo, os personagens começaram a cantar, e então João que estava com as pernas esticadas sobre o sofá, prontamente começou a mexer os dedos dos pés para frente e para trás, acompanhando o ritmo da música e dos personagens. Assim que a música acabou, ele parou de movimentar os pés. Este fato ocorreu diversas vezes durante o processo de observação.

João permaneceu sentado durante todo o processo de observação e não falou. Em alguns momentos, apresentou movimentos rápidos com as mãos, repetidamente. Em outros, ficava imóvel e sério olhando em direção à televisão, assistindo ao filme que tinha escolhido.

Em uma determinada cena do filme, quando dois personagens (pai e filha) estavam discutindo, ele inclinou levemente a cabeça para baixo, encolheu a perna direita a encostando na perna esquerda, que estava esticada. Logo após, inclinou o corpo um pouco para frente, levou a mão direita até o pé direito, agarrou-o e o balançou em movimentos circulares.

João permaneceu na posição descrita acima, durante toda a cena em que houve essa “briga” entre os personagens do filme. Após o término da cena relatada, João voltou a esticar as pernas, encostou-se no sofá, desfez a leve inclinação da cabeça e tornou a entrelaçar e fazer movimentos rotatórios com os dedos das mãos.

Passados treze minutos de observação, o namorado da mãe da criança passou pela sala, em um deslocamento de ida e volta do salão de festas da residência para a cozinha. Não houve interação verbal com o namorado da mãe do entrevistado, durante o momento da observação. Contudo, nas duas vezes em que passou pela sala, o namorado da mãe olhou na direção do menino e sorriu. O menino olhou em direção dele e retribuiu sorrindo levemente, deixando de olhar em direção à televisão por alguns instantes.

Após a passagem do namorado da mãe pela sala, João continuou olhando

fixamente em direção à televisão.

Agora sentado com as pernas cruzadas em posição de “índio”, com o corpo levemente inclinado para trás e apoiado no encosto do sofá, ele entrelaçou os dedos das mãos e as colocou em posição de descanso sobre o abdômen.

João olhou em direção à televisão durante quase todo o processo de observação; não falou e não se locomoveu do sofá em que estava.

Passados os quinze minutos de observação estipulados pelo grupo envolvido no projeto, os observadores se reportaram a João no intuito de lhe comunicar que o processo de observação havia acabado. Neste momento, o observador 1 se levantou da poltrona em que estava sentado, dirigiu-se até ele e se sentou no sofá pelo lado direito dele, para conversar.

Além disso, o observador perguntou a João se ele se sentiria confortável com uma possível visita à sua escola, para mais uma observação. Ele respondeu “sim” SIC. João foi questionado sobre onde estuda (o nome da escola será mantido em sigilo), e como gostaria que o observador procedesse neste caso: se gostaria de ser observado na hora do “recreio” enquanto estiver brincando, ou se gostaria de ser observado na hora da aula enquanto estiver estudando. “Quero ser brincando com os colegas” (SIC).

João foi informado de que sua mãe já havia dado permissão para que a observação na escola pudesse ser realizada, e de que os observadores iriam combinar com ela, a melhor data para esta visita.

Ao término da conversa (que foi realizada aquém do tempo de observação estipulado pelo grupo) e que não foi de fala extensa para o observado, portanto, não se pode observar os problemas de fala relatados pela mãe do mesmo, os observadores agradeceram a colaboração de João, e deixaram claro mais uma vez, que ele pode desistir de sua participação na pesquisa quando e se quiser, caso por alguma razão não se sinta mais à vontade para continuar. Após este momento, os observadores se retiraram da sala encerrando a primeira etapa de observações.

2. Relato de observação na escola

Ao chegar na escola, no hall de entrada, quando se dirigia à secretaria escolar no intuito de se identificar, o observador se deparou com a turma de João sendo conduzida ao pátio, para a hora do “recreio”, por sua professora. João, virou a cabeça para sua direita, olhou em direção ao observador- que já o havia observado em outra ocasião- e o cumprimentou, levantando sua mão direita e acenando para ele. Logo após, também com a mão direita, João fez um sinal para o observador, apontando com o dedo indicador para a porta de entrada da escola.

Após o momento descrito acima, houve uma conversa que durou aproximadamente 5 minutos, com a psicóloga escolar responsável. Antes de iniciar o trabalho, o observador foi apresentado à professora de João, e à professora responsável pela outra turma que também estava no pátio para a hora do intervalo. A observação foi realizada no dia 17 de março de 2017 em uma escola privada na região metropolitana de Porto Alegre e durou 10 minutos, tendo início às 15:35 e termino às 15:45, quando o observado retornou à sala de aula. O tempo foi controlado através de um relógio de pulso analógico. Foi realizada no pátio frontal da escola, um local aberto com toda a extensão coberta por britas.

A esquerda do portão de entrada e saída e próximos à cerca, havia uma árvore pequena e um deque- de aproximadamente 2,5 metros de comprimento- com pergolado de mesmo tamanho e três bancos de madeira envernizados com guardas de ferro. A direita do mesmo, havia a guarita onde ficava o guarda da escola, um banco de madeira colorido, e uma pequena pracinha, onde algumas crianças estavam brincando, na hora da chegada do observador. A porta de acesso principal à escola- que mede aproximadamente dois metros de largura- é posicionada de frente para o portão- que mede mais ou menos 1,5 metros de largura e 2,00 metros de altura- e possui uma pequena área coberta- que mede aproximadamente 3m²- em sua frente.

O ambiente estava bastante barulhento, pois além de ter carros passando constantemente na rua em frente à escola, havia mais de uma turma no pátio na hora do intervalo. No momento em que foi observado, João vestia o uniforme da escola (camiseta de manga comprida verde musgo e bermuda também verde musgo, ambas com o logo) e calçava meias curtas e um tênis azul escuro com

cadarços brancos.

João estava sentado sobre as duas pernas e, apoiava seus pés para trás de seu corpo, com as solas dos sapatos para cima, em uma roda com mais 5 colegas, no pátio da escola, em baixo da área coberta que fica em frente à porta de acesso principal. Tinha em mãos uma caixa de celular, de papelão, onde guardava algumas cartas do POKEMON. No meio da roda havia um tabuleiro de papel, também do POKEMON, e seus colegas também apresentavam tais cartas em mãos.

João pegou uma carta de sua caixa, com a mão direita, conversou com o colega da frente, e estendeu o braço levando a carta até o colega. Em contrapartida, o colega pegou uma de suas cartas e deu à João, entretanto, ele disse “não, essa não”, balançou a cabeça para os lados em sinal de negação, recolheu a carta que havia levado até o colega e a guardou junto com as outras. Logo após, modificou a posição das pernas, ficando sentado sobre a perna direita, na mesma posição descrita acima, e apoiado com o braço esquerdo, sobre a perna esquerda, que ele havia colocado para frente, apoiando totalmente a sola do pé esquerdo no chão.

Ainda brincando com as cartas do POKEMON, João virou para sua direita, conversou com o colega, inclinou a cabeça para baixo, mexeu em sua caixa, e pegou três cartas com a mão direita. Em seguida, segurou as três juntas formando um leque, virou a cabeça para sua direita e conversou mais uma vez com o colega. João se voltou para o colega que estava a sua esquerda, e mostrou a ele as cartas que tinha na mão. O menino que sentava à frente dele, o chamou, pegou duas cartas com a mão direita, e estendeu o braço em direção a ele, que por sua vez balançou a cabeça para os dois lados de novo, franziu a testa, inclinou levemente o lábio inferior para frente e disse “não”. Logo após, levantou-se e fez a volta por fora da roda, sentando-se de frente para o menino que antes estava a sua direita.

João juntamente com três colegas, levantou-se e seguiu caminhando pelo pátio à direita do local em que anteriormente estava, dirigiu-se ao deque na parte da frente do pátio da escola. Ao chegarem, os quatro conversaram com outro menino, que estava agachado e encostado na parede, no canto direito do deque. Após a conversa, o menino se levantou, e os quatro seguiram novamente em direção à porta de acesso principal da escola. Sentaram-se no mesmo lugar onde João estava anteriormente.

Novamente João se sentou no chão, agora com as pernas cruzadas em posição de “índio”, abriu a caixa onde estavam suas cartas e com a mão direita

pegou cinco cartas, formando um leque. Com a mão esquerda pegou duas cartas e as colocou no chão, em sua frente. Virou sua cabeça para a sua esquerda, trocou algumas palavras com o colega que estava sentado ao seu lado, inclinou levemente sua cabeça para baixo, levou o dedo indicador da mão direita à extremidade esquerda da boca, franziu a testa, e ainda olhando em direção às cartas, levou a mão direita até uma delas, agarrou-a e a entregou ao colega com quem estava conversando.

João guardou suas cartas, levantou-se e caminhou em direção à professora que estava sentada no banco colorido que ficava ao lado da pracinha. No meio do trajeto ele parou, virou sua cabeça para trás e olhou em direção ao observador, esboçando um leve sorriso. Em um rápido movimento, João correu até a guarita na entrada da escola, parou, olhou em direção ao observador novamente, e ainda correndo se dirigiu ao deque. Ao chegar no deque ele sentou no primeiro banco- que fica de frente para a grade da rua- onde havia duas meninas sentadas, olhou rapidamente em direção às meninas, levantou-se e correu até a porta de entrada da escola- onde alguns meninos ainda estavam sentados brincando com as cartas do POKEMON- agachou-se de costas para a porta, e apresentando respiração ofegante, abriu a caixa de cartas- que carregou consigo durante todo o período do intervalo, inclusive nos momentos em que correu- e começou a conversar com o menino que estava sentado à sua direita. Ainda agachado, João olhou para trás e conversou com um menino que estava de pé com um celular e algumas cartas na mão.

Em seguida, João se levantou fez a volta por fora do círculo de seus colegas e, sentou-se do outro lado da roda, em posição de “índio”, de frente para a porta de acesso principal da escola. No momento em que se acomodou, colocou sua caixa de cartas no chão, em frente a seus pés, inclinou seu corpo levemente para frente e, apoiou-se com as duas mãos sobre a caixa, enquanto olhava na direção das cartas que estavam em cima do tabuleiro, no meio da roda.

Ainda sentado na mesma posição, ele olhou em direção ao colega que estava sentado em sua frente, começou a conversar e lhe perguntou sobre os “poderes” de um POKEMON cujo nome o observador não entendeu claramente. Concomitante a isso, João conversou com os colegas que estavam ao seu lado. O menino que estava posicionado à esquerda dele, levou a mão até o braço de João, com o dedo indicador esticado e o restante da mão fechada, cutucou-o e perguntou

sobre suas cartas. João prontamente abriu sua caixa, tirou todas as cartas de dentro e as esparramou pelo chão. Em seguida, ele recolheu suas cartas, e as guardou novamente na caixa, entretanto, não fechou a caixa como fez anteriormente.

Enquanto conversava com o colega que estava à sua esquerda, João inclinou a cabeça levemente para baixo, olhou em direção à caixa que estava em sua frente no chão, e com a mão direita pegou uma carta. Logo após, desfez a inclinação da cabeça, olhou em direção ao colega e tentou lhe entregar a carta, entretanto, o mesmo fez sinal negativo com a cabeça e com o dedo indicador da mão esquerda. Então, João baixou a cabeça, franziu a testa, e inclinou o lábio inferior um pouco para frente. Em seguida, desfez a expressão cabisbaixa, guardou a carta em sua caixa e a fechou.

João se levantou rapidamente, e correndo, dirigiu-se ao deque da escola junto a mais dois colegas. Quando chegou, sentou-se no banco que fica ao fundo do deque e de frente para a portaria da escola. João estava sentado na ponta esquerda do banco, com o corpo posicionado para sua direita, onde estavam sentados seus colegas. Enquanto conversava com os três colegas simultaneamente, João colocou a caixa sobre as pernas, segurou-a com a mão esquerda e a abriu com a mão direita. Ainda utilizando a mão direita, pegou duas cartas e as ofereceu ao colega que estava logo ao seu lado. Após esse momento, e continuando a conversar com seus colegas, ele fechou a caixa e passou a segurá-la com as duas mãos. Levantou-se e começou a correr indo em direção à professora que estava sentada no banco de madeira colorido, ao lado da pracinha.

A professora da turma de João, levantou-se e começou a chamar os alunos pelo nome, para que comesçassem a formação da fila para voltar à sala de aula. João que se sentou no banco onde a professora estava, esperou que alguns colegas comesçassem a formar a fila, e só se juntou a eles após o segundo chamado da professora. A turma demorava a se organizar, então, João que estava organizado como a professora havia pedido, saiu da fila e voltou correndo ao deque onde estava, permaneceu em pé de costas para o observador- na frente do banco onde anteriormente havia sentado- com a caixa de cartas na mão, e começou uma conversa com quatro meninos que estavam lá também. Por alguns instantes, João se sentou ao lado de um dos meninos, e olhou fixamente em direção à uma carta que ele tinha em sua mão direita, enquanto o menino falava e gesticulava, apontando para a mesma.

Em seguida, ele se levantou, olhou em direção ao observador que estava encostado na grade bem perto dele, sorriu, e correndo foi de encontro à professora, que ainda estava no meio do pátio chamando os alunos para voltar à sala de aula. Ao entrar na fila, João olhou para trás, sorriu e acenou para o observador, balançando a mão direita aberta de um lado para o outro.

Enquanto a professora conduzia a fila em direção à porta da escola, João olhou para trás novamente, em direção ao observador, esboçou um sorriso, e retornou a sua posição inicial.

Quando chegaram embaixo da área que fica em frente ao acesso principal da escola, a professora parou e ordenou que o grupo de crianças que estavam ali permanecessem em fila, enquanto ela chamasse os alunos que ainda faltavam. João que estava voltado de frente à porta, virou sua cabeça para trás, olhou em direção ao observador e saiu caminhando a passos largos em direção à pracinha, que se localizava a sua direita, e com sua mão direita começou a gesticular, movendo-a para frente e para trás, e verbalizando para os colegas entrarem logo na fila.

Em seguida, e junto com os colegas que faltavam, João voltou à fila. Após retornar, e ainda parado sob a área em frente à porta, ele se virou em direção ao colega de trás, posicionando-se de costas para o acesso principal da escola, abriu novamente a caixa que estava em suas mãos, procurou e pegou uma carta com a mão direita, e mostrou-a para ele. Enquanto João e o colega conversavam, mais dois meninos saíram de sua posição na fila e, colocaram-se ao redor deles, formando novamente uma rodinha. A professora chamou a atenção do grupo de meninos, que logo retornaram às suas posições na fila.

Enquanto entravam na escola, João e mais dois colegas da fila- que estavam atrás dele- conversavam sobre as cartas. Em seguida, o colega que estava na frente dele, virou-se para trás e verbalizou com ele. Prontamente João franziu a testa, colocou o lábio inferior um pouco para frente, balançou a cabeça para os dois lados e fez sinal negativo com o dedo indicador da mão direita. Virou-se para frente novamente, desfez a expressão anterior, e seguiu na fila em direção à sala de aula. Ainda no corredor, caminhando, João se virou novamente para trás, olhou em direção ao observador- que estava encostado no balcão de atendimento da secretaria, que fica à direita da porta, no hall de entrada da escola- sorriu e acenou

com a mão direita, balançando-a para os lados. Em seguida, a professora conduziu os alunos até a sala de aula, e a observação foi encerrada.

Durante o período de observação, o observado não conversou com o observador. Após o término da observação, o observador teve contato, novamente, com a psicóloga da escola, que o convidou à sua sala para conversar um pouco mais sobre o aluno observado. Ela perguntou sobre como havia sido a observação e sobre como o observador abordou a mãe de João, para que pudesse realizá-la. Perguntou ainda se poderia ficar com os documentos que atestavam o consentimento da Mãe de João à realização da observação na escola, bem como a carta de apresentação assinada pela professora da disciplina. O observador respondeu, que a mãe do menino autorizou o processo, no dia em que foi realizada a observação na casa do namorado da mãe. Respondeu ainda, que a psicóloga poderia ficar com cópias dos termos de assentimento e consentimento livres e esclarecidos, bem como com a carta de apresentação original.

Ao término da conversa citada acima, a psicóloga se pôs à disposição caso o observador necessite realizar mais alguma atividade na escola. O observador agradeceu à psicóloga, e pediu para que a mesma transmitisse seus agradecimentos também à professora de João. Após este momento, o observador foi encaminhado até o portão de saída da escola.

